

Carta ao *Corriere della Sera*

Caro Diretor, impressionados com a atenção que o seu jornal dedica à escola neste tempo vertiginoso, queríamos oferecer o contributo da nossa experiência de professores e educadores.

O inesperado adiamento da reabertura das escolas secundárias depois das férias de Natal, devido à persistente emergência sanitária, provoca alarme no ânimo de grande parte dos docentes e dos alunos italianos. Nestes meses, o ensino à distância fez explodir de forma evidente problemas já presentes no mundo escolar: desinteresse, desmotivação, problemas de concentração e até risco de abandono escolar para 34 mil alunos, tal como foi recentemente denunciado por uma pesquisa levada a cabo pela *Ipsos* para a *Save the Children*. Ninguém duvida que o regresso ao ensino presencial pode fazer a diferença, mas não será certamente esta a solução dos problemas sobre os quais o fechamento das escolas desferiu um golpe.

Como professores, queremos antes de mais admitir que também nós nos achamos em dificuldades semelhantes às que neste período vivem os jovens: o medo do contágio, o isolamento social e o achatamento do desejo. Estamos diante de uma conjuntura que revela toda a nossa impotência numa situação que continua a ultrapassar-nos por todos os lados. Surgiu um mal-estar latente e uma exigência profunda de significado, não apenas nos jovens. Estamos no mesmo barco.

Não temos soluções para tirar da cartola, mas queríamos testemunhar como temos enfrentado este tempo sem nos entrincheirarmos atrás das queixas pela gestão política, e sem nos fincarmos atrás de slogans do tipo “não há escola senão presencial”. Correríamos o risco de cair na armadilha de esquematismos que trazem consigo apenas raiva e desencorajamento. E os jovens, sempre argutos observadores, dão-se conta destes sentimentos ainda antes de apreender o sentido das nossas aulas.

O reconhecimento da nossa fragilidade corrigiu-nos várias vezes, levando-nos a descobrir que este momento histórico pode ensinar-nos, precisamente a nós (que temos de ensinar os outros), algo de novo para o nosso amadurecimento pessoal e profissional. Como estar diante dum jovem que perdeu um familiar querido com a epidemia, ou que deixou de vir à escola porque se deixou devorar pela apatia e pelo desinteresse? Cada um de nós foi obrigado a regressar a uma experiência vital que lhe permite dar aulas com a esperança estampada no rosto, antes ainda de propor sermões sobre a esperança com remates teóricos nas horas de aula.

Uma professora de física, depois de ter constatado que apenas seis em vinte e cinco alunos tinham entregado o trabalho, chamou a atenção aos presentes conectados: «Rapaziada, entendo que neste momento talvez quisessem fazer outra coisa, como poderem ir à escola e terem as aulas presencialmente; também eu queria fazer outra coisa, gostaria muito de ir para a escola de bicicleta. Mas nós somos mais do que o estado de espírito com que acordamos. Não morrem por não terem feito o trabalho, vão viver muito bem na mesma, mas digo-lhes isto porque a realidade nunca me traiu». As caras mudaram, algo se moveu no íntimo dos jovens ao verem uma professora tão envolvida com as suas vidas, e a aula recomeçou com outro ritmo. Sem uma experiência viva nas próprias entranhas, a ponto de iluminar o olhar, como é que se poderia voltar para as aulas depois dum dia do qual se saiu esgotado e ferido pelas horas passadas diante dum monitor com escassos resultados didáticos?

Revela-se mais atual do que nunca a afirmação de Pasolini: «Se alguém [...] te tivesse educado, não o poderia ter feito senão com o seu ser, não com o seu dizer». Não se educa com discursos, educa-se com o estar presente. Presencialmente ou à distância, é o nosso estar presente que oferece uma provocação à inquietação atenta ou ao desinteresse apático dos jovens. O tempo atual revelou-nos a infertilidade dum ensino seco e distante, mas também a da busca de fogos de artifício para entretermos e divertirmos como atores consumados. A emergência da situação em que temos vivido tornou os jovens ainda mais famintos de verdade e autenticidade, de professores que, explicando qualquer matéria, comunicam uma esperança pela qual vale a pena viver, empenhar-se no hoje e construir um amanhã.

Redescobrir o ensino como comunicação de si, ou seja, do que dá beleza e esperança à nossa vida, é uma fantástica oportunidade de libertação, sobretudo neste período em que os resultados não são sempre imediatos e nem todas as aulas correm perfeitamente. Não só nos libertamos a nós mesmos da ansiedade do resultado – de tanto que estamos cheios daquilo que de positivo desejamos comunicar ensinando todos os dias –, como, sobretudo, deixamos de tratar os jovens como um mecanismo que reage automaticamente aos nossos estímulos estrategicamente orquestrados. O ensino, mesmo nesta situação, é assim restituído à sua beleza original: a liberdade do professor em diálogo com a liberdade dos jovens através dos conteúdos de todos os dias.

Provavelmente, não veremos a curto prazo os frutos de tudo quanto semeamos todos os dias ao entrar na aula, nem temos a pretensão de medir a eficácia do acolhimento imediato dos jovens, por mais que alguns deles nos tenham espantado com o caminho de amadurecimento percorrido este ano. Nestes meses vimos rostos que se voltavam a iluminar, ainda que apenas por instantes, durante as aulas. Como aconteceu a uma professora de latim que captou, ao retomar o vídeo da aula depois do intervalo, um diálogo entre os seus alunos sobre o sentido da vida, «impossível de encontrar aos quinze anos», na opinião deles. Apercebendo-se da presença da professora, os jovens dirigem-lhe a pergunta: «Professora, existe o sentido da vida?». Podia recuar, atirando-se de cabeça no programa, mas a professora escolhe intervir: «Na tua idade eu tinha a mesma pergunta, e quando o sentido da vida me bateu à porta, reconheci-o e abri-lhe. O sentido da vida irá ao teu encontro. Eu asseguro». Cria-se um silêncio palpável até na aula virtual, e a aula prossegue entre o gerúndio e o genitivo com as caras da professora e dos alunos diferentes, transfiguradas. Momentos como este, nunca o esquecerão. Como quando, no final da última aula antes das férias de Natal, uma aluna avisa: «Professora, espere um pouco antes de desligar». No monitor, apagam-se os vídeos, para voltarem a acender-se logo a seguir mostrando, um após o outro, muitos “obrigado, professora!” escritos à mão em folhas de caderno. «Por quê?». A professora está comovida e admirada com aquele gesto, justamente por parte daquela turma aparentemente tão impenetrável. Respondem: «Porque nas dificuldades deste período, deu cem por cento, podia não o ter feito... e ouviu-nos sempre».

Será necessário um tempo que enraíze na vida dos professores e alunos, também através de outras circunstâncias que não estão na nossa mão, aqueles vislumbres que vimos acender na cara deles. No entanto, temos a certeza de que desses vislumbres virá a energia necessária para enfrentar as dificuldades do presente e reconstruir o nosso país amanhã. E isto os jovens podem aprendê-lo já hoje, vendo como é que nós, professores, apesar das constantes mudanças da modalidade de ensino, nos deixamos corrigir pela realidade, sem medo de declarar a nossa impotência, indomáveis em comunicar aquilo que dá esperança e certeza na positividade da vida.

Obrigado pela hospitalidade

Francesco Barberis, Pierluigi Banna, Francesca Zanelli, Andrea Mencarelli, Tommaso Montorfano, Simone Invernizzi, Angela Frati, Alessandra Brambilla, Alfonso Ruggiero
Professores e educadores de Comunhão e Libertação

7 de janeiro de 2021